

Contribuições das atividades extracurriculares para a formação universitária

LARISSA BIERHALS¹; ADRIZE RUTZ PORTO³

¹Universidade Federal de Pelotas - larissabierhals29@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – adrizporto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As grades curriculares dos cursos de graduação nem sempre contemplam o preparo para as habilidades necessárias no desempenho das atribuições profissionais. Sendo assim, é imprescindível que o estudante tenha vivências que contribuam para a aquisição de conhecimento e desenvolvimento das aptidões que são essenciais na futura área de atuação. Desse modo, faz-se necessário que ele busque por experiências complementares (FREITAS *et al.*, 2022).

As Atividades Extracurriculares (AEs) não possuem caráter obrigatório, portanto, não são compreendidas como disciplinas para conclusão de cursos de graduação, embora sejam pré-requisitos para conclusão que o graduando cumpra horas extras e complementares. As AEs consistem na participação em monitorias, representação estudantil, eventos científicos, projetos de ensino, pesquisa e extensão, estágios, entre outras, que também são desenvolvidas pelo discente para além da grade curricular dos cursos de ensino superior (FILHO; JACINTO, 2021).

A fim de padronizar e estabelecer critérios para as diretrizes curriculares, o Ministério da Educação (MEC) criou o parecer do Conselho Nacional de Educação número 67 de 11 de março de 2003. Neste parecer são definidas as diretrizes curriculares para os cursos de ensino superior, com o intuito de servirem de referência para sua organização e o MEC cita a participação nas AEs e afirma a importância da integração de tais atividades durante a vivência acadêmica e para a futura prática profissional. Ademais, cada instituição de ensino superior pode considerar sua própria interpretação sobre quais atividades se qualificam como AE.

Por consequência dos anos de formação e o estudo das diversas áreas que os cursos de graduação abrangem, é comum que os discentes tenham dúvidas e curiosidades sobre qual área seguir, quando se formar. Destarte, nas AEs têm a oportunidade de vivenciar contextos distintos dentro da universidade e fora dela, a partir de atividades de ensino, pesquisa e extensão, não apenas do curso de graduação no qual está matriculado, como também em outros.

Diante do supracitado, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência discente sobre a participação em atividades extracurriculares durante a graduação em Enfermagem na Universidade Federal de Pelotas (UFPEl).

2. METODOLOGIA

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Enfermagem da UFPEl, é dever do discente o cumprimento de carga horária em atividades complementares durante a graduação. É necessário que 60% da carga horária contemple ensino, pesquisa e/ou extensão e o restante na representação estudantil e em congressos, seminários e outros eventos (UFPEL, 2013). Sendo assim, a

participação em AEs é requisito obrigatório para a formação no curso de Enfermagem da UFPel.

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre as vivências e aprendizados de uma discente do curso de enfermagem mediante a participação em AEs durante os oito semestres de graduação cursados até o momento. Relatos como este são importantes para valorizar as AEs, demonstrando para a comunidade acadêmica o quanto são indispensáveis. Além de ressaltar, a nível institucional, quão necessárias são as ações para fortalecimento do tripé ensino-pesquisa-extensão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A graduação é um momento propício para descobertas que servirão de alicerce para a carreira profissional. Tendo isso em vista, é importante que o estudante aproveite para ter vivências e conhecer diversas áreas, sanar lacunas que são geradas no decorrer da formação, estudar assuntos variados, interagir com diferentes populações e realizar iniciação científica e de ensino.

As AEs são importantes não somente para a inserção do profissional no mercado de trabalho e sua qualificação, como também caso queira dar seguimento na carreira acadêmica. Nessa perspectiva, a participação em AE enriquece o currículo Lattes e auxilia nas seleções da pós-graduação.

Um estudo realizado em Curitiba com estudantes de enfermagem, entre março e abril de 2014, no estado do Paraná, demonstrou que atividades de pesquisa tiveram destaque como fonte de aprendizagem ao longo da graduação, também foi vista como uma forma de enriquecimento do currículo e de aquisição de competências que são diferenciais para a atuação na área da saúde. As atividades de ensino e extensão também foram mencionadas como formas de obtenção de conhecimentos (PERES *et al.*, 2018).

O aprimoramento de outras competências como a comunicação, a empatia e o refinamento do senso crítico e reflexivo foi observado em outro estudo, feito também com estudantes de enfermagem, em São Paulo, entre outubro e novembro de 2013, sobre a contribuição da extensão universitária (FERREIRA; SURIANO; DOMENICO, 2018). Além disso, a exposição aos diferentes contextos e realidades de saúde auxilia o discente a se sentir seguro com o paciente e ter mais desenvoltura para o cuidado, apresentando uma postura mais profissional perante o usuário.

A elaboração de atividades, como coordenação de eventos, o envolvimento em assuntos da universidade durante a representação estudantil e a criação de ligas acadêmicas, por exemplo, impulsionam o exercício da liderança. E, ainda, requerem responsabilidade e execução do trabalho em grupo (SANTOS *et al.*, 2021). São três requisitos importantes para o desempenho das funções do enfermeiro.

A participação em projetos de extensão possibilita a interação com diferentes populações. Essas vivências proporcionam um olhar ampliado para a diversidade das populações e de suas necessidades de saúde. Também auxiliam no desenvolvimento da comunicação com as pessoas, principalmente para aprender a repassar os conhecimentos técnicos aprendidos em linguagem acessível e compreensível durante as ações de educação em saúde. Esse exercício auxilia também na abordagem dos pacientes durante as consultas de enfermagem.

A pandemia causada pelo novo coronavírus dificultou a continuidade das atividades de extensão, sendo preciso a adaptação ao meio virtual. Com isso, as ações de extensão passaram a ser feitas através das redes sociais, de *lives*, do *WhatsApp* e de outros aplicativos de comunicação (Zoom, Google Meet, etc). Isso exigiu esforço de discentes e docentes para adequar a linguagem e lidar com as limitações do uso da internet, como falta de acesso e dificuldades de conexão do público alvo. Isso também contribui para o contato do estudante com as diferentes realidades e contextos sociais da população e a capacidade de se adequar e lidar com as adversidades, buscando diminuir o impacto que elas têm sobre o cuidado.

As atividades de ensino, por meio de projetos, de monitorias e de grupos de estudo, colocam o estudante em posição distinta, precisando auxiliar outros discentes com as atividades, contribuindo na elaboração de materiais para aulas, busca por referenciais teóricos, leitura e interpretação de textos para discussão, entre outras funções. A vivência no ensino demonstra como é possível adequar a linguagem para o ensino, de uma forma diferente da educação em saúde feita com usuários, já que agora trata-se da passagem de conhecimento para futuros profissionais ou, no caso dos grupos de estudo, discussão de textos entre futuros profissionais e professores.

A iniciação científica favorece o contato com pesquisas, participação na redação de artigos e resumos, entendimento sobre abordagens e métodos de pesquisa, experiência em coleta de dados, linguagem científica e desenvolvimento da escrita acadêmica. A experiência em grupos de pesquisa propicia ao futuro profissional, a aptidão à busca por referenciais teóricos atuais, uma vez que a área da saúde exige que ele esteja em constante aperfeiçoamento teórico para sustentar a prática diária, seja na assistência ou no ensino.

Além dos conhecimentos e experiências, é importante pontuar o auxílio financeiro que as bolsas proporcionam ao estudante. E a formação de parcerias com colegas e professores, o que motiva a contribuição nas ações e o vínculo. Ambas estimulam a permanência na universidade.

A representação estudantil, como no diretório acadêmico, cumpre um papel importante na formação ético-política e no exercício da cidadania. A presença em debates, reuniões de conselhos, elaboração de pautas e eventos de interesse da comunidade estudantil na luta por direitos ajuda no posicionamento, na defesa de ideias e reivindicações. Diz respeito também ao posicionamento político, que influencia em decisões da vida pessoal e profissional.

Em cada uma das vivências, é possível ampliar as experiências acadêmicas e a desenvoltura frente à elas, mostrando que a universidade não acontece somente dentro de uma sala de aula, com o discente em posição passiva na aquisição de conhecimentos. As AEs exigem proatividade, liderança, conhecimentos gerais e técnicos, didática, postura profissional ética e interesse de vivenciar o máximo que a universidade pode proporcionar.

4. CONCLUSÕES

Diante do apresentado, conclui-se que a participação dos estudantes universitários em AEs são de suma importância para o desenvolvimento de competências que influenciarão positivamente no desempenho das atribuições profissionais. Além de servirem de complemento aos conhecimentos adquiridos formalmente durante as aulas.

As AEs proporcionam ganhos ao estudante, no âmbito profissional e pessoal. Através delas, o ambiente acadêmico torna-se interessante e estimulante para a permanência na universidade. Proporcionando, além disso, uma rede de apoio e acolhimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CNE. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 67/2003. Aprova Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais-DCN-dos Cursos de Graduação e propõe a revogação do ato homologatório do Parecer CNE/CES 146, 2003.

FERREIRA, P. B.; SURIANO, M. L. F.; DOMENICO, E. B. L. Contribuição da extensão universitária na formação de graduandos de enfermagem. **Rev. Ciênc. Ext.**, v.14, n.3, p.31-49, 2018.

FILHO, A. S.; JACINTO, P. M. S. O impacto das atividades extracurriculares no desenvolvimento estudantil. **ABATIRÁ - REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS**, v. 2, n.3, p. 382- 397, 2021.

FREITAS, B. H. B. M.; MIZOGUCHI, M. V, FERREIRA, A. J. C.; LOURENCINI, A. P.; RODRIGUES, M. D. M.; SANTOS E SILVA, M. Percepção da Comunidade Acadêmica da Área de Saúde Sobre a Interprofissionalidade. **Rev Contexto & Saúde**, v. 22, n. 45, p. 1-14, 2022.

PERES, A. M.; ROCHA, J. R.; CAVEIÃO, C.; HIPOLITO, A. C. L.; MANTOVANI, M. F. Estratégias de ensino na graduação em enfermagem: estudo descritivo. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 4, 2018

SANTOS, L. T. S.; DA FROTA, K. C.; PONTE K. M. A.; OLIVEIRA, I. K. M.; PARENTE, F. L. Fundação e implantação de uma liga acadêmica de enfermagem em cardiologia. **R. Eletr. de Extensão**, v. 18, n. 40, p. 215-226, 2021.

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Enfermagem. Colegiado do curso de Enfermagem. **Projeto Político Pedagógico do curso de Enfermagem**. Pelotas, 2013.